

# Nossa pobre Natureza

## Uma ação pública tenta salvar a Amazônia Oriental do projeto Grande Carajás

CYNTHIA PETER

Enquanto o presidente José Sarney divulgava, na última quarta-feira, dia 12, o "pacote ecológico" do governo, chamado *Nossa Natureza*, junto das manifestações em todo o País contra a prática de queimadas, o capítulo constitucional sobre meio ambiente gerava seus primeiros frutos. Na terça-feira, 16 entidades não governa-

2,6 milhões de hectares com eucaliptos. As usinas de ferro gusa preferem, então, fabricar carvão a partir da floresta nativa. Cálculos da própria Companhia Vale do Rio Doce, responsável por Carajás, informam que isso representa um desmatamento entre 90 mil e 220 mil hectares por ano. Outros cálculos falam da necessidade

de desmatar 600 mil hectares por ano para atender às necessidades de produção de carvão vegetal. A Co-

Esses fornos são construídos com ajuda das usinas, que fornecem os tijolos, sacaria e transporte. Trabalharam dia e noite, a uma temperatura de 60 graus centígrados, jogando fumaça e gases no ar. Associações de moradores conseguiram que a Secretaria de Saúde do Pará mandasse interditar 90 fornos que estavam no perímetro urbano.

Os fornos de produção de carvão vegetal utilizam rejeitos de madeira das serrarias, e por qualquer madeira derrubada, segundo Phillip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (Inpa), o preço do ferro gusa no mercado internacional permite que as usinas paguem até US\$ 80 por tonelada de carvão, ainda tendo lucro. Isso justificaria o custo do transporte do carvão num raio de 500 quilômetros em torno das usinas instaladas ao longo da Ferrovia Carajás: dentro da faixa de 40 quilômetros que o Brasil se comprometeu a preservar quando assinou os contratos de financiamento com o Banco Mundial.

As usinas, entretanto, não estão pagando US\$ 80 por tonelada. Pagam cerca de US\$ 27, daí seu interesse em continuar utilizando carvão



### Contra Carajás

O procurador Fontelles (à dir.) acata as denúncias

mentais deram entrada no Ministério Público a um pedido de inquérito civil para instruir ação pública contra a União por danos ecológicos causados pelo Programa Grande Carajás. Segundo os estudos das entidades, se os 26 projetos previstos para produção de ferro gusa e ferro liga forem implantados nos moldes dos dois já existentes, em sete anos a Amazônia Oriental terá desaparecido – e, possivelmente desaparecerão os 23 grupos indígenas da região.

A estimativa é de que os 26 projetos produzam algo em torno de 2,5 milhões de toneladas anuais de ferro gusa. Para isso, estarão utilizando carvão vegetal, à razão de aproximadamente quatro toneladas de carvão para cada tonelada de ferro. Para produzir todo esse carvão a partir de florestas plantadas, seria necessário plantar



sipar, instalada em Marabá, está desmatando 1 hectare por dia, conforme informações da antropóloga Iara Ferraz, do Instituto de Apoio Jurídico Popular (Ajup), uma das entidades signatárias do pedido de inquérito.

Iara Ferraz esteve recentemente em Marabá e denunciou a existência de 400 fornos do tipo "rabo-quente", utilizados para a produção de carvão.

produzido a partir de madeiras nativas, em vez de investir no plantio de essências. Fearnside afirma que a usina instalada em Açailândia – um dos pontos do trajeto da Ferrovia Norte-Sul – possuía um plano de manejo florestal aprovado pelo IBDF quando começou a operar, em janeiro deste ano. Entretanto, a empresa não havia ainda adquirido o terreno para

realizar o plantio.

A completa ausência de planos de manejo, dos relatórios de impacto ambiental (Rimas) exigidos por lei, ou a existência de documentos meramente formais não são as únicas irregularidades na área. As entidades que pretendem processar a União denunciavam a utilização de incentivos fiscais. Há empresas, como a Siderúrgica de Marabá Ltda. (Simara), com operação prevista para novembro, que não tem a menor experiência em produção de ferro gusa. A Simara pertence a um grupo de 17 empresas, sendo que nenhuma delas possui ligação com o setor mineral. Para algumas entidades o objetivo é ganhar os incentivos, entre eles a isenção de Imposto de Renda, de ICM e de IPI, e a possibilidade de jogar como investimento em Carajás o IR devido por outros empreendimentos e créditos a juros subsidiados.

**D**enunciar e impedir que o próprio governo estimule a devastação ecológica via incentivos é o objetivo do inquérito e da ação. O procurador Cláudio Fontelles despachou favoravelmente à abertura de inquérito na quarta-feira, 12, e solicitou informações ao Conselho Interministerial do Programa Grande Carajás e aos órgãos ambientais. Eles terão de 15 a 20 dias de prazo para responder, e se seus responsáveis omitirem informações podem incorrer em pena de reclusão de até três anos. ●

## Tudo pronto no papel

Somente na Amazônia Oriental, onde o Programa Grande Carajás ocupa uma área de 911 mil hectares nos Estados do Maranhão, Pará e Norte de Goiás, 1 milhão de hectares de floresta virgem é desmatado anualmente. Rondônia já tem desmatados 23% de sua cobertura florestal. Diante do protesto de entidades ambientalistas, o governo lançou um "pacote ecológico". A maior dificuldade para colocá-lo em prática reside, porém, nos escassos 438 agentes que o Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal possui para todo o Brasil. Entre as principais decisões estão:

- Resolução de proibir a exportação de toras de madeira com 7,6 centímetros de espessura.

## Vitória verde

### O gaúcho Lutzenberger ganha o Nobel alternativo

No início da década de 70, o gaúcho José Lutzenberger certamente deixou amigos e familiares de olhos arregalados quando anunciou a decisão de abandonar um sólido emprego na empresa química Basf para dedicar-se unicamente à defesa de uma agricultura livre de produtos químicos nocivos. Lutzenberger, então com 40 anos, sabia o que estava fazendo para sua vida — apenas resolveu mudar de lado, seguindo o que dizia sua "consciência ecológica". A virada radical deu mais do que certo. O ex-chefe de vendas de agrotóxicos estará no parlamento sueco dia 9 de dezembro, como o primeiro brasileiro *Prêmio Nobel*. Lutzenberger receberá, como "pai dos movimentos ecológicos da América Latina", o Prêmio Nobel alternativo, concedido anualmente a trabalhos científicos não convencionais pela *The Right Livelihood Foundation*.

Além de prestígio e de reconhecimento internacionais o ecologista e engenheiro agrônomo Lutzenberger receberá US\$ 25 mil, a quarta parte de um prêmio total de US\$ 100 mil, a serem divididos com outros três ganhadores: o arquiteto inglês John Turner, que sistematizou conhecimen-



**Lutzenberger**

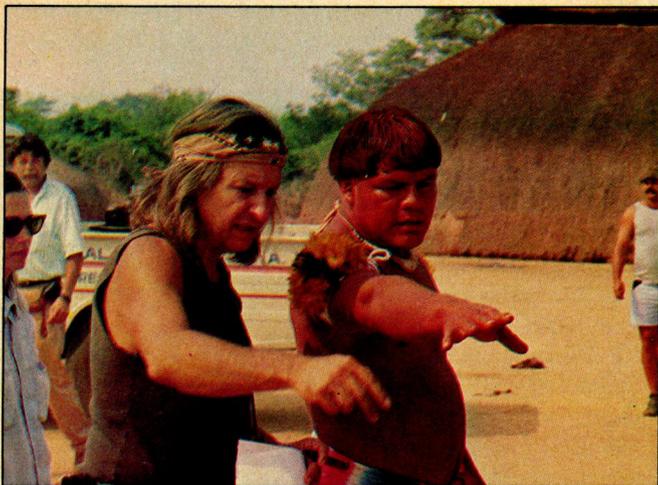
*Ele seguiu sua consciência ecológica*

tos sobre problemas habitacionais, a organização Amigos da Terra, da Malásia, e a médica dinamarquesa Inge Kemp, criadora do primeiro centro para reabilitação de torturados.

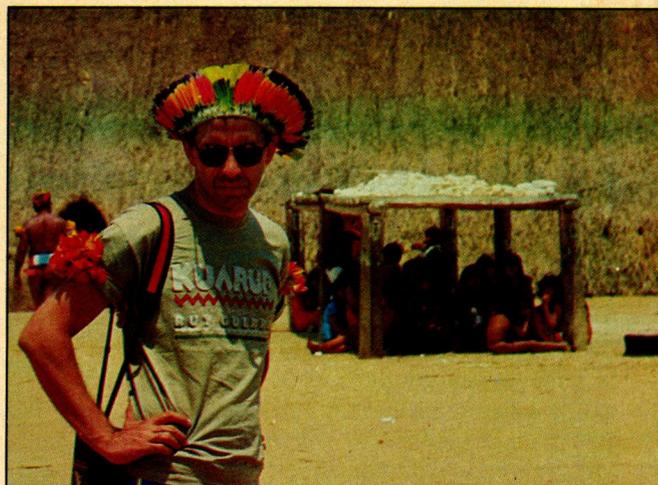
Lutzenberger sempre foi respeitado fora do Brasil. Em 1981, recebeu o Prêmio Nacional de Preservação da Natureza, do governo alemão, e, em 1984, foi chamado a depor no Congresso norte-americano sobre a atividade do Banco Mundial em financiamentos de projetos na Amazônia que provocaram problemas ecológicos e sociais. As declarações do ecologista brasileiro foram tão contundentes que resultaram na suspensão do crédito para programas de assentamento de colonos que não respeitavam a natureza.

**S**em imaginar que um dia chegaria à condição de Prêmio Nobel, Lutzenberger começou como um rebelde: autodenominando-se "tecnocrata dissidente", deixou o emprego para fundar a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan), criadora de um caso histórico contra a fábrica de celulose Borregard, de Guaíba, responsável, na época, pelos altos índices de poluição na região. A luta lhe valeu um processo na Justiça, movido pelo então secretário do Meio Ambiente, Jair Soares.

No interior da Bahia, onde recebeu a notícia de que seu nome aparecia entre aqueles que receberão o Nobel alternativo, Lutzenberger interrompeu seu trabalho apenas para dizer que "estou emocionado". O prêmio, com certeza, merecerá uma dupla comemoração: primeiro porque é *Nobel*, segundo porque é alternativo, bem ao gosto de seu ganhador. ●



**Ruy Guerra e Aritana**  
As outras tribos não gostaram do filme



**Roberto Fonseca**  
"Despesas inesperadas" para a produção

## "Quarup" termina em guerra

### Os índios do Xingu querem receber o cachê

RENAN ANTUNES

A última grande façanha dos caciques Aritana, Paru, Kotó, Tabata e Megaron está sendo contada de oca em oca entre as tribos do Alto Xingu. Aconteceu nas últimas luas de setembro e foi uma dura batalha, travada na selva de pedra de Brasília, contra os empresários que produziram o filme *Quarup* no Parque Nacional do Xingu. Foi numa reunião na sede da Funai. Os bravos caciques conseguiram arrancar do inimigo valiosos troféus: uma mesa de sinuca, três máquinas de lavar roupa, dois geradores, quatro barcos, 60 barracas de tergal, dois jipes Toyota, dois freezers, 20 garrafas térmicas, duas tevês e uma antena parabólica, usadas no acampamento dos técnicos e artistas.

Este botim é apenas uma pequena parte do que foi possível arrancar dos brancos, desde que, em maio, 150 deles penetraram na reserva, autoriza-

dos pela Funai, para produzir *Quarup*, uma história dirigida por Ruy Guerra, na qual os índios Iaualapitis, Camaiurás, Cuicuros, e Uaurás são mocinhos. Mas a guerra ainda não terminou e uma batalha decisiva está prevista para as próximas semanas. No início de outubro os índios se rebelaram e romperam o contrato original com os produtores. Agora, orientados pela fotógrafa inglesa, Sandra Wellington, uma das mulheres de Aritana, o chefe iaualapiti, eles não querem mais bugigangas – exigem di-

nheiro vivo. Querem um percentual da bilheteria do filme.

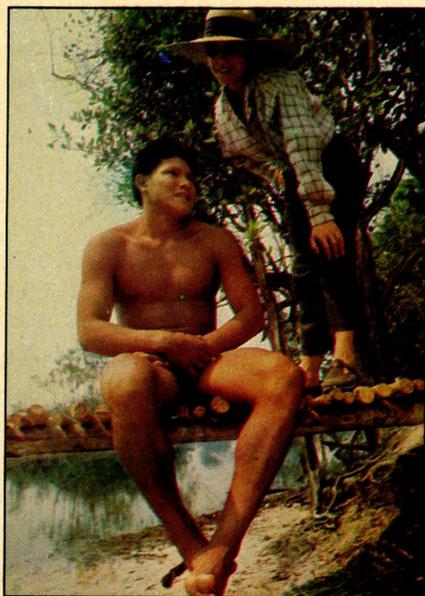
A parada vai ser dura. Na quarta-feira, 12, o produtor Roberto Fonseca, presidente da Cotia Trading – uma empresa que tem fazendas de gado e soja no Mato Grosso, onde fica o Parque do Xingu, exporta US\$ 300 milhões anuais e investiu 5 milhões no filme – anunciou que

não pretende pagar percentagem, alegando que, se o filme der prejuízo, "os índios não vão entender e vão querer me cobrar".

Parece que por esse golpe os caciques já esperavam. Orientados por seus advogados, vão aguardar pacientemente, caçando e pescando nos igarapés enquanto os brancos decidem. O filme deve ficar pronto no final do ano, mas sem licença dos índios não poderá estrear no Festival de Cannes – a menos que seja terrivelmente mutilado, com o corte das cenas em que eles aparecem. Isto é impensável porque teria de trocar até o título: *Quarup* é a tradicional cerimônia em que os índios choram seus mortos.

**Quarup**, o filme, é baseado no romance de Antonio Callado, por sua vez inspirado na figura do sertanista Orlando Villas-Boas e na expedição que em 1958 percorreu o Xingu em busca do centro geográfico brasileiro. É um painel que mistura ficção e realidade, desde o suicídio de Getúlio até o golpe de 64, vivido pelos personagens Nando (Taumaturgo Ferreira), um padre atormentado pelo sexo, e Francisca (Fernanda Torres), filha de papai, comunista, paixão de Nando. Tem ainda Sônia (Cláudia Raia), a ex-bailarina que foge com o índio Anta, Olavo (Roberto Bonfim), marido de Lídia (Lucélia Santos), uma psicanalista.

O coreógrafo Fernando Bicudo, ex-diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, um dos produtores do filme através da Grapho, subsidiária da Cotia, ficou "apaixonado pela causa indígena", em apenas uma visita ao set de filmagens, no posto Leô-



**Lucélia Santos**  
Ela não gostou da comida

nardo, na aldeia Iaualapiti. Mal desceu do avião, ficou nu. Em seguida teve o corpo pintado pelo cacique Aritana.

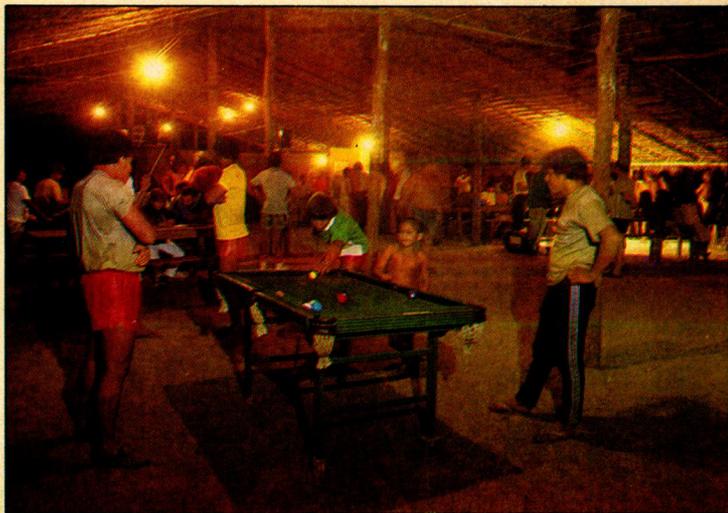
Os índios do Xingu, mesmo aculturados, nunca tinham recebido tanta gente de uma só vez como durante o filme. Conviveram quase seis meses com um acampamento de cerca de 150 brancos, onde havia de tudo da moderna civilização, até mesmo uma antena parabólica de tevê, que levou as imagens das Olimpíadas de Seul às ocas. Nos papos de pai para filho, nasceram alguns dos novos mitos do

#### A descoberta

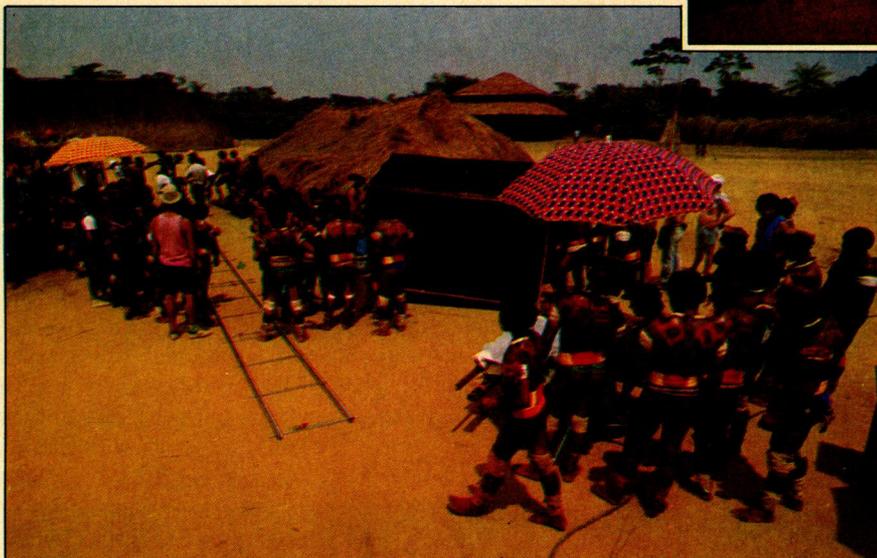
*A sinuca foi uma entre as muitas novidades apresentadas pelos brancos*

#### De igual para igual

*Seis meses de filmagens despertaram nos índios o gosto pelo dinheiro*



MARCOS ROSAVANGULAR



MARCOS ROSAVANGULAR

Xingu: Lucélia Santos mandou trocar 11 vezes o prato de comida, insatisfeita com o cozinheiro. Fernanda Torres não sai da barraca porque tem medo dos mosquitos.

O fascínio dos índios pelas novidades foi inevitável. Tímidos a princípio, eles foram chegando perto do acampamento até “tomarem conta da boca”, como se diz por lá. Os meninos foram iniciados nos segredos dos jogos de sinuca e pingue-pongue. Os mais fortes, usados para carregar as mercadorias do trapiche até os depósitos, em troca de generosos copos de Tang de pêssego e bolachas recheadas de chocolate.

Tudo ia bem para os brancos no Alto Xingu, quase como no tempo em que Pedro Álvares Cabral chegou, ou como quando os irmãos Villas-Boas criaram o parque em 61, com os índios bem mansos e felizes – até que uma mulher entrou na história. Foi Sandra Wellington, a inglesa que é uma das esposas de Aritana, cacique iaualapiti. Ela exigiu que os índios recebessem a vista o dinheiro pelos pequenos serviços e nas participações

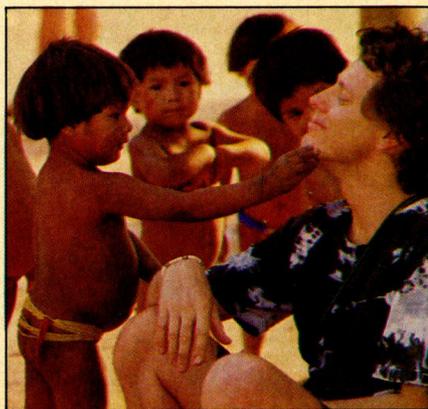
como figurantes. Até então eles vinham sendo pagos com sanduíches de mortadela, refrigerantes, balas e latas de conservas, cachê fixado em Cz\$ 4 mil por dia.

O gosto pelo dinheiro influenciou até na cambira, a tradicional troca de objetos e comida que eles faziam entre si e com os brancos. Agora gostam de cambiar artesanato ou peixes por notas de papel-moeda, com o que podem comprar o que quiserem, sem ter de dar satisfação nas ocas.

As índias donas-de-ocas ficaram deslumbradas com as máquinas de lavar. Acostumadas a andar nuas ou em trapos, assistiam às operações automáticas das Lavínias sem entender, mas na certa foram elas que pediram aos caciques que incluíssem as má-

quinas no negócio. Não se sabe como elas farão caso os revendedores autorizados não cheguem às aldeias do Xingu. A mesma coisa vale para os geradores diesel, barcos e para as televisões. Agora, estarão dependentes da importação de combustível, mas isto parece não preocupar os caciques.

Os caciques, até então, vencedores no front externo, enfrentaram também o inimigo interno. Os índios das demais tribos do parque ficaram revoltados. Porque não participaram das filmagens de *Quarup*, bateram na porta da oca de Aritana pedindo explicações, e acabaram levando alguns presentes para ficarem quietos. Os Calapalos foram mais longe e acusaram os Iaualapitis, Camaiurás, Cui-curos e Uarás de ofensa às tradições ao encenarem um *Quarup* de mentirinha – como não havia mortos para chorar, Aritana ofereceu a Ruy Guerra um repeteco do enterro de seu avô, morto há dois anos. As índias não gostaram de ver “mulher branca em rede de índio”, como já ensinava Callado no romance original, e Aritana foi obrigado a mandar Sandra, a inglesa agitadora, dormir na oca das outras esposas – pelo menos enquanto havia jornalistas na área. E Raoni, o último chefe guerreiro do Baixo Xingu, não gostou e mandou um aviso aos índios do Alto: não quer mais que naveguem com suas canoas no sentido da foz do rio.



MARCOS ROSAVANGULAR

Fernando Bicudo  
Paixão à primeira vista

# O vírus do computador

*A praga que atingiu 250 mil equipamentos nos Estados Unidos está chegando ao Brasil*

CARLOS FIORAVANTI

Há poucas semanas, desapareceram todos os arquivos do computador de uma empresa que presta serviços de consultoria de informática, em São Paulo. Nessa mesma época, a subsidiária de um grande banco estrangeiro, por determinação da matriz, distribuiu entre os funcionários uma circular pedindo para convocarem o departamento de suporte técnico em caso de qualquer anormalidade verificada nos computadores. Por trás da perda, no primeiro caso, e da prevenção, no segundo, está o anonimato, que tenta preservar a imagem pública das empresas, e um só personagem – o vírus de computador, capaz de provocar tantos ou até mais danos que uma fraude ou sabotagem nos sistemas de informação.

Os temores que envolvem essas situações têm suas justificativas, a julgar pelos efeitos possíveis desse novo agente. O vírus de computador, que começa a migrar para o Brasil depois de consideráveis estragos nas empresas norte-americanas nos últimos dois anos, pode apagar arquivos, arruinar trilhas de gravação de dados, trocar números nos registros, alterar as características dos programas, ocupar indevidamente os espaços da memória – enfim, fazer com que as informações não sejam mais encontradas. Uma situação desalentadora para empresas ou profissionais que dependem diariamente desses dados.

A tarefa de reconstruir arquivos no computador leva de semanas a meses, envolvendo trabalho de especialistas.

O vírus de computador é uma sequência de informações que provoca desordem nos programas armazenados nessas máquinas. Na biologia os vírus, definidos como moléculas gigantes de DNA ou RNA (ácido desoxirribonucleico ou ribonucleico) envolvidas por uma cápsula de proteína, têm capacidade de multiplicação quando alojados numa célula. Do

mesmo modo, o vírus de computador também pode gerar cópias perfeitas de si mesmo, uma vez alojados no computador hospedeiro. Nessas condições, tomam de assalto temporariamente o controle do sistema operacional da máquina, que é o conjunto de arquivos gravados nos discos magnéticos utilizados para iniciar as operações do computador. Geralmente, são discos rígidos, de grande capacidade de armazenamento e uso exclusivo do equipamento. Depois, o vírus

passa para os discos flexíveis, que são removíveis e servem em qualquer microcomputador da linha PC. A essa altura, o vírus está preparado para surpreender o operador, que quase sempre desconhece onde, como e quando o vírus vai agir.

Uma coisa já se tem como certa: as vítimas prediletas são os microcomputadores, com programas genéricos e facilmente reproduzidos entre os usuários. Entre os *mainframes*, que são os computadores de grande porte, com programas específicos e rígidos critérios de controle de acesso a informações, ainda não houve casos de contaminação, segundo Norton Luiz Santana, consultor de sistemas da Directa BDO Auditores e Consultores. Essas máquinas maiores funcionam geralmente isoladas, ao contrário dos micros, que a partir dos últimos anos puderam ligar-se através de redes de teleprocessamento. Tais conexões facilitam a disseminação dos vírus.

